



Boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal

Nº45/3ª Série – outubro/ novembro/ dezembro 2025– Trimestral
Diretor Provedor Fernando Constantino Moleirinho - gratuito
www.scmsardoal.pt



É Natal! Boas Festas!

**Bandeiras e Painéis expostos ao público
Quando a Festa era na Praça**





Santa Casa da Misericórdia de Sardoal

Preocupado com o bem-estar do seu familiar?
A Santa Casa da Misericórdia oferece todo o apoio
que ele precisa, através do nosso Serviço de Apoio
Domiciliário e Centro de Dia.



Higiene Pessoal
Cuidados de higiene e conforto pessoal



Higiene Habitacional
Estritamente necessária à natureza dos cuidados prestados



Tratamento de Roupa
Recolha da roupa do uso pessoal no domicílio e tratamento na Instituição



Alimentação
Fornecimento e apoio nas refeições, respeitando as dietas com prescrição médica



Assistência Medicamentosa



Atividades Socioculturais
Variedade de atividades para todos os gostos e interesses

Entre em contacto connosco e saiba mais sobre
nossos serviços e como podemos ajudar
Tel: 241 850 120

Email: scm.sardoal@mail.telepac.pt
Largo do Convento 2230-234 Sardoal

FICHA TÉCNICA

Propriedade e Editor: Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, Largo do Convento, 2230-234 Sardoal, Telefone 241850120- Contribuinte nº501 157 549 **Diretor:** Fernando Constantino Moleirinho (Provedor)

Redação e Edição: Paulo Salgueiro e Mário Jorge, Largo do Convento, 2230-234 Sardoal

Periodicidade: Trimestral **Tiragem:** 200 Exemplares

Impressão: Santa Casa da Misericórdia de Sardoal- Largo do Convento, 2230-234 Sardoal

Registo na E.R.C.: Nº126409 **Estatuto Editorial:** Independente

NºDL414374/16 **Estatuto pode ser consultado em:** <https://scmsardoal.pt/index.php/boletim-informativo>



“Para os que sempre estão disponíveis para aqueles que só em casos de muita gravidade faltam vai o nosso louvor...”



Estamos a chegar ao Natal e sem surpresa o tema seria natural que fosse sobre esta Festividade e as esperanças que nos invadem e nos enchem a alma em época tão bonita e querida para toda humanidade independentemente de qualquer ideologia ou credo.

No entanto, para mim e para todos os Irmãos com a responsabilidade da gestão desta SCM o foco centra-se antes, nos graves problemas que condicionam a nossa atividade. São problemas de “justiça” de que falaremos mais tarde e em outra ocasião, e problemas de falta de funcionários que, em muito condicionam toda a vida da Instituição.

De imediato e como que saindo do nada, deparámo-nos com falta de trabalhadores o que leva a um esforço suplementar de todos e a momentos de verdadeira magia para suprir a falta, não só dos que temos de menos mas também para tapar as muitas “baixas” que em períodos especiais aparecem. Com as primeiras, porque atempadamente avisados, lidamos bem, mas com os segundos está a ser difícil. Estes ao entrarem de baixa simplesmente porque “sim” esquecem os companheiros e o transtorno que a sua ausência ocasional provoca, obrigando a um esforço titânico dos que nunca faltando colocam a SCM e bem-estar dos utentes em primeiro lugar.

Para os que sempre estão disponíveis para aqueles que só em casos de muita gravidade faltam vai o nosso louvor e mais profundo reconhecimento pelo seu profissionalismo e por acreditarem sempre nos valores que nos motivam.

Mas o Natal aproxima-se e com ele toda uma época de sonho e encanto. Os problemas que enchem horas de noticiários, em todo o planeta deixam de nos preocupar e em seu lugar vem a alegria, e a esperança num mundo de paz e amor ao próximo.

Se nos preocuparmos, um pouco mais, com o nosso vizinho que sofre, se acreditarmos que o simples gesto de estendermos a mão para ele, vai certamente ajudá-lo e, mesmo que a sua saúde mental e o seu bem-estar continuem precários, o sentir que ali ao lado tem um amigo vai melhorar o seu funcionamento no mundo e nós estaremos a interiorizar o verdadeiro espírito de Natal, não só agora, neste dia, mas em todos os dias.

Para todos os Irmãos, para todos os que vivem ou trabalham nesta Casa um Santo e Feliz Natal.

Bem Hajam!

O Provedor
Fernando Constantino Moleirinho

A NOSSA CAPA

Presépio montado pelos Utentes desta Instituição em anos anteriores



Donativo dos Rotários de Abrantes Uma valiosa ação social

O Rotary Club de Abrantes voltou a demonstrar o seu forte compromisso com a ação social na região ao distinguir e apoiar a Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) -Centro de Santa Maria da Caridade, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Sardoal.

O reconhecimento formal do mérito à Instituição aconteceu no contexto da entrega de um apoio financeiro para aquisição de equipamentos. Graças a um subsídio distrital (2024-2058) da Rotary Foundation, o Rotary Club de Abrantes conseguiu dar "mais um contributo para o desenvolvimento da ERPI e da sua valiosa ação social ao serviço da comunidade da Região".

Este apoio visa fortalecer as capacidades da ERPI de Sardoal, permitindo-lhe melhorar os serviços e infraestruturas dedicados aos seus utentes, confirmando o papel fundamental que a Instituição desempenha na qualidade de vida da população sénior local.

A iniciativa sublinha a colaboração profícua entre o Rotary Club de Abrantes e as instituições de solidariedade social da área, garantindo que os recursos da fundação rotária são aplicados de forma estratégica e eficiente para beneficiar diretamente a comunidade.



O mobiliário financiado

Atendendo às limitações do espaço deste boletim só agora podemos prestar o devido agradecimento ao Rotary Club de Abrantes pela colaboração.

Obras na Igreja Matriz Templos da Misericórdia acolhem Celebrações

Devido às obras de requalificação da Igreja Matriz, várias celebrações religiosas que habitualmente ali tinham lugar, passaram a ser feitas, desde 28 de setembro último, nos templos da nossa instituição. Assim, aos Sábados, os cultos ocorrerão na Igreja da Misericórdia (zona antiga) e aos domingos, na Igreja de Santa Maria da Caridade. A Santa Casa junta-se assim à comunidade cristã local garantindo que os atos de devoção sejam levados a efeito em condições adequadas e sem interrupções forçadas.

Para que as cerimónias decorram da melhor forma algum mobiliário, bancos e alfaias religiosas, foram transferidos da Igreja Matriz para os sítios em causa, ficando assim as mesmas preparadas para a realização eventual de casamentos, batizados e outras festividades. Quanto aos sinos da torre prevê-se que não parem de dar as horas e os sinais de outras ocorrências.

A primeira fase das obras da Igreja Matriz (há muito tempo justificadas) ronda os 700 mil euros, sendo o financiamento assegurado pela União Europeia, Município de Sardoal e paroquianos voluntários que se uniram em torno deste projeto, angariando 125 mil euros através de diversas iniciativas. A intervenção vai demorar cerca de um ano com trabalhos ao nível das estruturas do edifício, coberturas e tetos, portas e janelas, consolidação do altar-mor e danos interiores e exteriores



Festas de Santa Maria da Caridade 2025

Um vibrante ponto de encontro

As Festas de Santa Maria da Caridade decorreram com grande sucesso nos passados dias 13 e 14 de setembro de 2025, transformando o Largo do Convento num vibrante ponto de encontro para a comunidade e visitantes.

Noite de Convivialidade nos Claustros

A celebração iniciou-se na noite de Sábado, dia 13, com um memorável jantar de convívio realizado nos históricos claustros do convento. O ponto alto da noite foi a atuação do artista Ricardo Costa, que garantiu a animação musical e o bom ambiente, prolongando a festa pela noite dentro.

Eucaristia e Almoço Tradicional no Domingo

O dia de Domingo, 14 de setembro, foi dedicado à tradição e à fé. A manhã começou com a celebração eucarística, realizada solenemente pelas 11:30.

Após a cerimónia, seguiu-se um dos momentos mais aguardados: o almoço de porco no espeto, servido no Largo do Convento. Este repasto tradicional não só deliciou os presentes como reforçou o espírito de comunidade e partilha que caracteriza estas festividades.

A nossa Misericórdia fez um balanço positivo do evento, agradecendo a participação de todos e prometendo o regresso das festas para o próximo ano e a esperança de manter viva a tradição e o espírito de união.



Cartaz em África Uma marca de saudade

Em setembro de 1969 estava o soldado atirador de artilharia, Manuel Augusto Nunes, em S. Salvador do Congo, norte de Angola. Cumpria os primeiros nove meses de uma comissão na guerra colonial que se prolongaria por dois anos. A distância era enorme e as saudades mais que muitas. Um dos poucos momentos de alegria entre as tropas era a chegada do correio, dos aero-gramas e cartas trazendo notícias da terra-natal, da família e dos amigos. Aquelas folhas escritas eram essenciais para encurtar o tempo e lavar a alma. Que a guerra será sempre uma disfunção da natureza.

Certo dia, Manuel recebeu uma carta especial, enviada pela mãe, Miquelina Ribeiro. Envelope volumoso. O que seria? Lá de dentro saiu um prospeito, formato grande, anunciando as Festas de Santa Maria da Caridade desse ano, 1969. Manuel ficou radiante com tal prenda e, com orgulho, exibiu o cartaz perante os colegas. Emocionou-se com as lembranças do seu chão. Depois guardou-o e nunca mais se separou dele. Assim permaneceu durante 56 anos.

Recentemente, resolveu doar esse cartaz ao arquivo da Misericórdia, num ato generoso e de amizade. O mesmo já está catalogado e bem conservado, respeitando as memórias e vivências de um antigo combatente. Obrigado, Manuel. Vamos preservar esse tesouro!...



O prometido é devido **Bandeiras e Painéis expostos ao público**

O prometido é devido. Como foi noticiado no Boletim anterior o projeto para exposição pública dos Painéis e Bandeiras históricas da Misericórdia está concluído e as obras de arte já podem ser apreciadas por todos.

A Santa Casa da Misericórdia confirma a concretização do seu ambicioso projeto de valorização patrimonial. Assim, as históricas Bandeiras e os Painéis originais da Misericórdia foram, no passado mês de setembro, afixados e expostos ao público no interior da Igreja de Santa Maria da Caridade.

A Mesa Administrativa da Misericórdia faz questão de sublinhar que este projeto só foi possível graças ao contributo fundamental da Câmara Municipal de Sardoal e dos seus colaboradores, cujo apoio se revelou crucial para a instalação segura destas obras de arte.

Monitorização e Preservação

No entanto, o trabalho de salvaguarda não se esgota na instalação. A Misericórdia informa que, de forma a assegurar a máxima proteção e a esta-

bilidade a longo prazo das valiosas telas, a Igreja de Santa Maria da Caridade está a ser monitorizada semanalmente.

Esta vigilância rigorosa foca-se nos níveis de humidade e temperatura no interior da Igreja, visando prevenir quaisquer alterações que possam comprometer a integridade e acelerar a deterioração das obras. Este cuidado é uma prioridade, reforçando o compromisso da Instituição com a preservação deste legado para as gerações futuras.

Com a sua nova e digna colocação, estes elementos, que em tempos integraram a Procissão do Senhor da Misericórdia/Fogaréus, transformam a Igreja de Santa Maria da Caridade num novo e significativo polo de atração cultural e religiosa em Sardoal.



Dia do Idoso e da Música Filarmónica animou Utentes

A Filarmónica União Sardoalense (FUS) levou a música à Santa Casa da Misericórdia de Sardoal no passado sábado, dia 18 de outubro, numa atividade que celebrou duplamente o Dia do Idoso e o Dia Mundial da Música.

Cerca de 25 elementos da FUS realizaram uma pequena atuação musical, proporcionando um momento de convívio e animação aos Utentes da Instituição.

O concerto, que decorreu na sala de estar da ERPI Centro de Santa Maria da Caridade, teve a duração de 45 minutos. Os músicos da Filarmónica União Sardoalense atuaram de pé num gesto que realça a dedicação da coletividade à comunidade local e a importância da música como elemento de bem-estar social e cultural.

A iniciativa integrou-se nas comemorações locais das duas efemérides, reforçando a ligação entre as instituições do concelho e o papel da FUS como promotora da cultura musical no Sardoal.



Divulgação histórica Manuscrito de Serrão da Mota editado em livro

O manuscrito “*Memórias Restauradas do Antigo Lugar e Vila de Sardoal*”, elaborado por Jacinto



(Foto Paulo Sousa)

Serrão da Mota, entre 1754 e 1777, foi editado em livro numa feliz iniciativa do Município, através da Biblioteca Municipal e ali apresentado em 18 de outubro passado. Esta obra configura um diagnóstico notável sobre vários aspectos do Sardoal até essa época, incluindo trechos de grande interesse sobre a nossa Misericórdia.

A publicação, de assinalável apuro técnico, científico e gráfico, foi dinamizada e coordenada por Dulce Figueiredo, responsável da Biblioteca, continuando a divulgação e tratamento iniciados por Luís Manuel Gonçalves nos anos 80 e retomados por Susana Afonso em 2015. Saúda-se este lançamento, um dos mais importantes acontecimentos culturais dos últimos anos, tal a relevância histórica deste documento que, há muito, merecia destaque público. Jacinto Serrão da Mota nasceu no Sardoal em 1705, foi militar da Cavalaria, Juiz Ordinário e autor de escritos poéticos e filosóficos. Outros elementos biográficos constam do livro, o qual poderá ser consultado ou adquirido na Biblioteca Municipal.

Festas do Concelho 2025 Misericórdia presente

Como tem sido habitual, a nossa Misericórdia esteve presente na Mostra de Saberes e Sabores das Festas do Concelho 2025. Em exposição e venda, destacaram-se os trabalhos manuais elaborados pelos nossos Utentes e a boa doçaria.



Tradição oral

As mesinhas para curar maleitas

Segundo os dicionários, *mesinha* significa medicamento, remédio, e também, líquido para clister. Fazem parte do conhecimento popular e são passadas por tradição oral de geração em geração. Ao longo dos tempos vários utentes da nossa Misericórdia foram-nos ensinando as suas mesinhas para curar maleitas (doenças). Não sabemos se tais receitas serão eficazes, ou não, mas aqui ficam algumas. As melhorias...

Quando uma pessoa tinha tosse:

Fervia-se pinhas verdes em água e bebia-se como se fosse chá.

Para curar a tosse, punha-se como se fosse uma almofada um saquinho com serradura verde debaixo da cabeça.

Para curar eczemas, feridas e queimaduras:

Cera derretida e umas gotinhas de azeite. Faz-se uma pomada e guarda-se numa caixinha.

Para curar inflamações:

Ferver sementes de linhaça e filtrar, bebe-se como chá.

Para abrir o apetite:

Fazer chá de macela (marcela, flores do campo, camomila) ou malvas.

Para curar feridas ou inchaços:

Pisar sementes de linhaça com água e aplicar.

Aplicar papas de abóbora também resulta.

Para a prisão de ventre:

Beber azeite.

Para a dor de cabeça:

Beber chá de folhas de laranjeira.



Breve Conto de Natal

Por Mário Jorge Sousa

Faltavam quatro dias para a véspera de Natal e Arminda ansiosa para que tudo corresse bem. Mal podia esperar para abraçar a filha, o genro e o neto que ela ainda nem conhecia a não ser pelas fotografias do telemóvel. Modernices que dão jeito para mitigar as saudades. Havia muitos anos que a família partira para outro país por não encontrar futuro no seu chão. Por lá ficaram esse tempo todo. Vinham agora. Finalmente. Mal fosse que as tempestades não o permitissem...

Faltavam três dias para a véspera de Natal e as notícias não eram animadoras. Inverno feio lá por fora, chuvas copiosas, trovoadas das bravas, nevoeiro intenso, confusão nos aviões, partidas e chegadas feitas e desfeitas. Arminda rogava a todos os santinhos que acalmassem a natureza em fúria. Que deixassem os seus virem em segurança e a tempo da Consoada.

Arminda fizera um singelo Presépio e armara uma Árvore de Natal que enfeitara com bolas de várias cores, fitas douradas e flocos de algodão a fazer neve. Abraçara o pinheiro com um largo cordão de luzes, daqueles que acendem e apagam, para dar alegria e iluminar os símbolos do nascimento de Jesus. Mas não o acendeu. Aquelas lâmpadas ficariam inertes até ter certezas da família junto a si. O Natal não era celebrado em sua casa desde que a filha abalara com o marido. Perdera o encanto. Ela ficara na terra, resignada, viúva, sentindo-se envelhecer num silêncio sem horizontes...

Faltavam dois dias para a véspera de Natal e Arminda consumia com avidez as notícias da televisão e da rádio sobre as intempéries que assolavam vários países. As comunicações estavam péssimas, os telefones mal se ouviam e a voz da filha parecia vir dos confins do universo, com ecos, cortes e ruídos.

Da última vez que falaram pareceu-lhe ouvir que estavam no aeroporto, não percebeu bem se foi isso... parece que estavam à espera que o tempo melhorasse para o avião levantar voo... parece que... qualquer coisa... as chamadas caíam e ela sem saber o que pensar e o que fazer...

Faltava um dia para a véspera de Natal e Arminda deixava-se levar pelo desânimo. Olhou as luzes da Árvore de Natal ainda desligadas e não conteve as lágrimas. As tempestades pareciam continuar e a família não conseguia ligação telefónica. A incerteza era um abismo sem fundo, andava de um lado para o outro, sem norte, e até se viu a falar sozinha como se o vazio fosse uma entidade material que escutasse a sua mágoa... e as horas a passar...

Era véspera de Natal. A manhã nascera cedo para Arminda depois de uma noite mal dormida. Pesadelos e mais pesadelos a atormentar-lhe a mente, fantasmas nas sombras em danças macabras, imagens dispersas a toldar-lhe a vista. Bebeu um café forte e ali ficou, sentada à mesa, à espera de nada, sem ouvir noticiários, sem querer saber do mundo à sua volta, fechada em si... à espera...

... Eis que, de repente, era quase hora de almoço, o telefone deu sinal. Correu para ele: Estou?! E do outro lado da linha, a filha: Mãe?... Somos nós... estamos bem, aterrados agora em Lisboa... daqui a pouco vamos estar ao pé de ti... o teu netinho está em pulgas para conhecer a avó...

Os olhos de Arminda brilharam quais diamantes refletidos num raio de sol. Um sopro de vida reacendeu-lhe a alma. Renasceu! E após a conversa rumou à cozinha. Meteu mãos na massa das filhoses e demolhou o bacalhau da ceia, mas antes, passara afoita pelo Presépio e pela Árvore de Natal, ligou o fio à tomada da eletricidade e uma girândola de luzes mágicas e festivas irrompeu como fogo de artifício numa noite de folgado!... Era Natal...



Santa Maria da Caridade

Quando a Festa era na Praça

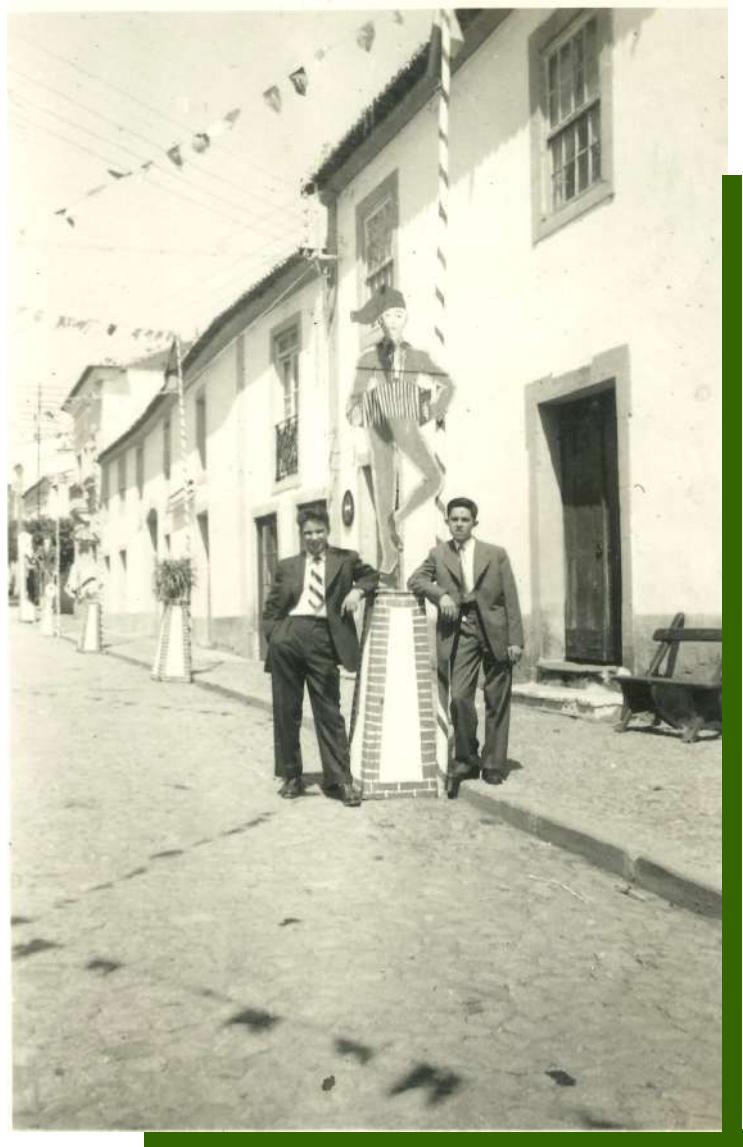
A festa em honra de Santa Maria da Caridade, padroeira do antigo hospital da Misericórdia, nasceu em 1924 e segundo a imprensa da época teve lugar no Largo do Convento, por quanto as notícias esclareciam que o serviço de bufete estava a ser montado nos claustros “*com forte iluminação à moda do Minho*”. Não se sabe quando passaram a ser feitas na Praça da República (talvez durante as décadas de 1930/40) nem quando retomaram ao seu lugar de origem (talvez em finais da década de 50).

Os primeiros anos de festividade aconteceram nesse Largo, e prova disso, foi ali ter existido um grande coreto fixo em alvenaria, com ampla arrecadação na base, utilizado pelas freiras da Província de Soledade, que ainda residiam no mosteiro, para pequenas récitas com as crianças da vila, crianças essas que também faziam dessa estrutura um local para brincadeiras. Foi demolido quando a Festa regressou ao sítio e nesse lugar foi construído um *dancing* com o chão em cimento.

Praça vedada e “barraca de chá”

Quanto à Festa na Praça da República, eis algumas notas: a sua montagem iniciava-se várias semanas antes e requeria o abate de numerosos pinheiros e eucaliptos para construção de vedações, coreto, *dancing* e “barraca de chá”. Essas árvores advinham em grande parte das propriedades da Misericórdia. Tudo era feito de modo artesanal, à força de braços, com mão de obra voluntária, embora os carpinteiros e outros especialistas pudesse ser remunerados. Certo material era aproveitado de um ano para o outro, sendo guardado no imóvel senhorial que existe ao fundo da Rua Vasco Homem.

A Praça era vedada a toda a volta, não permitindo o tráfego de carroças, animais e pessoas (os automóveis eram raros), tapando os acessos às ruas Vasco Homem, António Duarte Pires, Gil Vicente e Mestre de Sardoal (nomes atuais).



Fernando Silva Rosa (com 16 anos) e António Conde Falcão (15), em 11 de Setembro de 1955, junto a um boneco da Festa. A porta ao lado pertencia a João Dias Milheiriço, que vendia mercearias, material escolar, selos de correio e fiscais, etc., seguindo-se a farmácia de Francisco Dionísio e os comércios gerais de António Pombo (ex- Casa Tramella) e Casa Falcão. Refira-se que o boneco que se vê na foto ainda existe e encontra-se em bom estado.

Apenas na zona da “barraca de chá” é que um estreito corredor dava passagem aos peões para as artérias adjacentes. A “barraca de chá” situava-se desde a esquina da casa de José Joaquim até à fonte e daí estendia-se até à residência de José Martins (moradores atuais). Funcionava numa grande plataforma de madeira, adaptada ao declive da estrada. Nela, apenas colaboravam jovens, em geral estudantes, oriundos das famílias ilustres e com poder económico. As raparigas, trajadas a preceito, serviam às mesas enquanto os rapazes asseguravam tarefas normais mais pesadas, como carregar coisas e abrir cápsulas e rolhas de garrafas. A entrada no recinto era paga.

Bonecos e quermesse

O espaço da Festa ia pela avenida até à capela de Nossa Senhora do Carmo. Em ambos os lados eram colocados postes com motivos festivos aos quais eram presos os tradicionais bonecos de madeira com vestimentas típicas usadas no Ribatejo. Nesse percurso, meia-dúzia de senhoras vindas de Entrevinhas, vendiam tremoços e azeitonas. Talvez também bolos lêvedos e outros doces.

A quermesse era instalada à volta do Pelourinho e os degraus eram aproveitados para expor os prémios das rifas. Existia uma espécie de balcão circular feito com peças pré-concebidas, sendo apenas necessário ajustá-las umas às outras. Os brindes eram recolhidos porta-a-porta, junto da população, pelos jovens voluntários, mas os objetos de maior valia eram doados pela loja de vidros que existia na Praça, sendo as suas jarras, copos e conjuntos em vidro, muito apreciados pelos frequentadores do local. Também a loja de loiças estabelecida na Rua Bivar Salgado oferecia ótimos prémios (pratos, canecas, artefactos de barro, etc.). Na quermesse colaboravam os moços e as moças das famílias pobres e remediadas.

Coreto e dancing

O coreto era amplo, alto e bem decorado. Era montado em frente à Câmara Municipal, na área da varanda. A cobertura era rústica, composta por camadas de ramos de eucalipto. No seu interior atuava a Filarmónica União Sardoalense, completa ou em grupos de instrumentistas, que garantiam a quase totalidade da animação musical, incluindo os bailaricos.

O dancing ocupava a parte central do agora Posto de Turismo (que na época era o Grémio da Lavoura), em estrados de madeira e com uma cerca a delimitá-lo enfeitada com verduras e arranjos em papel colorido. Os homens pagavam bilhete para entrar.

Por fim, anote-se como curiosidade, que as diferenças de classes então existentes na sociedade, se refletiam de modo direto na Festa. Quando a dita acabava o Provedor da Misericórdia (nestes anos o Padre Eduardo Dias Afonso, também Vereador no Município) reunia os colaboradores na Câmara Municipal para lhes agradecer o empenho. Só que os ajudantes da “barraca de chá”, os ricos, eram brindados com cerimónia no Salão Nobre, enquanto os da quermesse, os pobres, eram recebidos no piso inferior do imóvel, na sala que servira para enrolar as rifas e armazenar os prémios. Sinais dos tempos...

(Este Boletim agradece a amabilidade de Fernando Silva Rosa, que nos transmitiu os presentes dados históricos e nos cedeu a foto que os ilustra (de autor desconhecido). Fernando Silva Rosa colaborou vários anos com a Santa Casa, na vertente administrativa e teve ação relevante no Sardoal, enquanto político/autarca e associativista. Foi distinguido com a Medalha do Concelho em 2024).



Não foi possível identificar o autor da foto, tirada em 1944, nem a jovem que nela posa, mas por detrás vê-se o coreto que durante muitos anos esteve instalado no Largo do Convento e que foi demolido durante os anos 50. Nesta altura a vegetação já a rodeava, mas nos seus tempos áureos possuía cobertura e roseiras em toda a volta tratadas com desvelo pelas freiras. No seu lugar, talvez, em início dos anos 60, foram construídos um palco para o conjunto e um chão em cimento para o dancing (Arquivo da Misericórdia).



Também não sabemos quem tirou esta foto, de 1931, nem quem são as crianças, mas atrás delas podem ver-se as cercas de madeira que delimitavam o espaço da “barraca de chá”, no Largo do Convento (Arquivo da Misericórdia).



Clara Fernandes **“O Natal da minha infância”**

São mágicas e profundas as memórias de Natal de Clara Fernandes, de Alcaravela, 87 anos. Recorda que apesar da vida humilde desse tempo de criança, esta quadra festiva era o ponto alto da família. Era ela, os pais e sete irmãos. O lar transformava-se num ninho de afetos e alegria. Conta que o Natal chegava muito antes de 25 de dezembro, já que era hábito fazer uma limpeza geral à casa, num ritual simbólico de renovação da vida. Trabalho importante era, também, a preparação da lenha, cortada e amontoada junto à lareira para garantir que o fogo crepitasse forte, combatendo o frio lá de fora.

A decoração era simples e singela e a tarefa mais envolvente era a montagem do Presépio, logo no início do mês. Cada figura era arrumada com desvelo no farto tapete de musgo, recriando o cenário sagrado do Nascimento do Menino Jesus. Nessa época a Árvore de Natal não fazia parte da tradição popular.

A noite de 24 era especial e deliciosa. O jantar era um momento de sincera comunhão entre os presentes. O prato principal era coelho assado no forno e Clara Fernandes ainda hoje parece sentir o aroma perfumado da comida espalhado pela sala. Depois, acontecia a confeção das filhós e coscorões. O barulho das frigideiras, o crepitir do óleo quente, o doce odor que exalava pelo ar e o riso de todos em volta das iguarias. Os homens aproveitavam para ingerir uns tragos de aguardente, às vezes misturada no café, celebrando a Consoada à sua maneira.

Antes de recolher, a criançada cumpria o ato solene de colocar o sapatinho na lareira. Ali, junto às cinzas ainda fumegantes, ficava o sinal para o Menino Jesus não se esquecer das prendas. Nessa altura a figura do Pai Natal quase não existia. Ao acordar, Clara e os irmãos pequenos corriam ansiosos em busca dos presentes. Coisas simples, mas cheias de valor sentimental. Umas meias novas, bonecas de trapos feitas com habilidade pelas irmãs mais velhas, uma ou outra guloseima.

Às onze da manhã ia à Missa com a família. Todos tinham o costume de levar oferendas para o Menino Jesus. Depois o padre distribuía-as por quem delas precisasse: laranjas, cestos de ovos, às vezes alguns pombos. Era uma forma de partilhar as bênçãos de Natal com os outros.

Depois era o almoço. Uma festa. Clara recorda-se do gosto do bacalhau com couves regado com bom azeite. Na mesa estavam os fritos feitos na véspera e outros bolos da tradição local, como as ferraduras. O Bolo Rei ainda não chegara a esses Natais passados. Tudo era puro e genuíno.

Clara Fernandes tem recordações vivas dos Natais da sua infância, mas diz que, apesar das mudanças do tempo, o espírito de Natal permanece intacto em si e na família. Agora são mais de vinte e ela adora estar com todos. O carinho, o calor humano, os laços de união e o amor dos anos idos jamais se poderiam perder. Manifestam-se em cada Natal! Boas Festas!...

